

ENTUSIASMO PELA EDUCAÇÃO E O OTIMISMO PEDAGÓGICO

Irene Domenes Zapparoli - UEL/ PUC/SP/ehps
zapparoli@onda.com.br

INTRODUÇÃO

Jorge Nagle com o livro *Educação e Sociedade na Primeira República* consagrou-se não só como um marco de passagem de geração de pesquisadores da educação, como também é considerado ponto de virada de padrões de pesquisa educacional. Nesse sentido deve-se dizer que Marta Maria Chagas de Carvalho, com o livro *Molde Nacional e Fôrma Cívica*, também é considerada um marco da historiografia da educação no Brasil. É importante ressaltar que esses dois autores têm um olhar diferente para a forma como se construiu o entusiasmo pela educação e o otimismo pedagógico, resultando, portanto, em uma conclusão diferente sobre a educação brasileira.

Esta pesquisa procura compreender, em relação ao entusiasmo pela educação e o otimismo pedagógico, como Jorge Nagle construiu essas categorias? Qual foi a lógica interpretativa? Qual é o conjunto de idéias? O que transforma uma categoria em outra? Que tese Jorge Nagle sustenta? Para sustentar essa tese, que análise faz da escola escolanovismo?

Já a autora Marta Maria Chagas de Carvalho ao olhar o mesmo período, tira conclusões diferentes do otimismo pedagógico. Sendo assim, perguntas como “quais as conclusões e por que dessas conclusões” podem antecipar um olhar particularmente voltado para a Associação Brasileira de Educação – ABE na idéia de civismo.

É de se verificar que as duas análises são aprofundadas, entretanto, enquanto a autora Marta Maria enfatiza a cultura escolar, práticas culturais; o olhar de Jorge Nagle é mais macroscópico de forma que se podem identificar como as ideais divergem. Marta vê mais a política e não a despolitização porque, para ela, a técnica se torna uma disputa.

Jorge Nagle em *Educação e Sociedade na Primeira República*

A sociedade brasileira, vista com as lentes de Jorge Nagle, foi dividida em setores político, econômico e social, transformando-se numa análise compartimentada, que dificulta a visualização dos setores que compõem a sociedade brasileira, mas permite identificar a trajetória de forma a entender melhor, por exemplo, quase todas as mobilizações políticas tentando ser mais brasileira e ao mesmo tempo inserida no mundo. São as passagens dos anarquistas para os socialistas, define-se o rompimento da nação com o imperialismo e com o estrangeirismo. Sendo assim, quase todos os setores passaram a discutir a questão da modernização brasileira. O que seria o moderno? Que não necessariamente seria igual, por exemplo, aos seguidores da estética italiana. A trajetória do modernismo situa-se num movimento histórico-social. Ocorrendo o desmonte da máquina eleitoral, por que chamavam os eleitores para dentro dessa militância e as plataformas abrigavam a plataforma da educação, estando convencidos de que a educação tinha uma resposta para tudo?

Nesse período de modernização, a República criou a fôrma da educação brasileira, a escola primária. Para a escola secundária fica o acesso à educação superior, preservando uma seletividade. Desse modo, ao ensino superior cabe a formação da elite.

Modernizar o Estado para muitos setores significa refazer o Estado, ou seja, sair de um Estado liberal para um Estado interventor. Até a iniciativa privada entra na liga nacionalista, objeto de sujeitos coletivos e classe operária, de forma que, quando convenciam os sujeitos coletivos, facilmente esses aderiam à bandeira da educação. O que se busca é um Brasil moderno, industrial nos moldes do modelo americano ou moderno feito pelas grandes propriedades rurais. Nos termos de uma autoridade fortíssima.

Em relação à religião, o setor da igreja católica vai se pronunciar contra a modernização, surgindo o pensamento reacionário, para que o liberalismo não abra as portas ao socialismo. Na sociedade brasileira havia sensibilidade e disposição para que, em nome da modernização, fosse possível propor mudanças baseadas em princípios ditatoriais.

A estrutura social cada vez mais tem elementos numa quantidade de preconceitos de forma que o racial é apenas uma amostra. O racismo vai reclamar para um conjunto de leis. A escola resolveria todos os problemas, mas de alguma forma a escola não é para todos, assim, na exclusão social, existe o espaço para o negro. Na exclusão estrutural, nos negócios, contrata-se sujeitos mais produtivos de maneira que conseguir um emprego é mais fácil do que permanecer no emprego. Será empregado quem sabe trabalhar, quem for alfabetizado. Nas fábricas e outros empregos gerados acentuam-se a desigualdade. A máquina de *criar* a pobreza legitima e deslegitima as questões estruturais.

Os dirigentes republicanos são entusiastas pela educação. A tecnificação da educação é um entusiasmo para a política, e nesse entusiasmo se especifica a defesa da escola primária e da escola profissional para adultos e

jovens. Pensando o Brasil como um país pobre, que se está industrializando, é necessário que a escola primária seja ofertada para todas as classes sociais.

A escola profissional apagaria a marca da escravidão e seria da esfera estadual propondo ações que tentam convencer as autoridades da escola profissional para os pobres. O entusiasmo pela educação, como um processo de aprendizado, resultaria num amplo processo de formação e diminuiria a distância entre o povo e a elite.

A bandeira da escola pública, laica, universal e para todos, com o movimento do entusiasmo pela educação, apresenta-se ao redor da escola primária, mas o que se está discutindo é a escola secundária. O ensino secundário e o ensino superior ficaram a cargo do Estado, mas não existiam e cabia ao Estado a implementação.

As idéias da Escola Nova e a tentativa de realização dos seus princípios, nas instituições escolares, foram outra característica que definem as transformações que se processam a história das idéias educacionais e o âmbito da história das instituições escolares. As principais etapas da Escola Nova, no desenvolvimento histórico geral do escolanovismo no Brasil, consistiram a primeira fase de 1889 a 1900 em que foram criadas as primeiras escolas novas, ou seja, escolas particulares. A segunda fase, de 1900 a 1907, “é a formulação do novo ideário educacional por meio de diversas correntes, teórico-práticas” (NAGLE, 2001, p.309), com a presença do movimento ativista, principalmente na corrente de Dewey. A terceira fase compreende o período de 1907 a 1918, quando ocorrem a criação e a publicação dos primeiros métodos ativos e a maturidade das realizações. A última fase vai de 1918 em diante, sendo marcada pela difusão, consolidação e

oficialização das idéias e dos princípios, dos métodos e das técnicas do escolanovismo.

A reforma da escola não é apenas uma reforma de métodos pedagógicos, mas uma reorganização de todo aparelho escolar em vista de uma nova finalidade pedagógica social. A moderna concepção social traduz em escola única, escola do trabalho e escola da comunidade. A educação deve ser para todos obrigatória, única e gratuita. A sociedade se apóia na organização do trabalho e na escola do trabalho, a atividade é aproveitada como um instrumento de educação. Na escola da comunidade se desenvolve o trabalho em cooperação.

Marta Maria C. Carvalho em *Molde Nacional e Fôrma Cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931)*

Para Marta, a Associação Brasileira de Educação – ABE – foi um dos instrumentos mais importantes de difusão do pensamento pedagógico de debates para estudo e solução de problemas educacionais, em especial as Conferências Nacionais onde se tinha a oportunidade de reunir educadores de todos os Estados e de diferentes centros culturais do país. Marta diz que, a partir do trabalho de Jorge Nagle, é impossível referir-se ao movimento educacional sem utilizar a nomenclatura para expressar os movimentos distintos: entusiasmo pela educação, otimismo pedagógico e profissionais em educação.

Marta, quando se refere a Jorge Nagle posiciona-se da seguinte forma em relação ao entusiasmo pela educação e ao otimismo pedagógico (CARVALHO, 1998, p.33): O “entusiasmo pela educação” caracterizar-se-ia pela importância atribuída a educação como o maior dos problemas nacionais, problema de cuja solução adviria todos os outros. O “otimismo pedagógico” manteria, do “entusiasmo”, a crença no poder da educação, mas não de qualquer tipo de

educação, enfatizando a importância da “nova” pedagogia na formação do homem novo. A expressão “profissional da educação” designa a emergência do “técnico”, no movimento designado como “otimismo pedagógico”, indicando a crescente dissociação que se produz no movimento entre problemas sociais, políticos e econômicos e problemas pedagógicos.

Para compreender o aparecimento do entusiasmo pela educação e sua transformação em otimismo pedagógico é necessário verificar a repolitização que se opera na década de 1920. Marta escreve que, para Nagle, nos anos de 1920, incorporados na historiografia, a respeito do movimento educacional, o otimismo pedagógico opera a tecnificação do campo educacional pela despolitização deste. Entretanto para a autora, as perspectivas de interpretação da relação educação e política não se esgotam apenas na ampliação do número de eleitores. Cita o exemplo da ABE como uma organização que possibilita abrir e alargar o espaço da ação política – do técnico como parte integrante da burocracia estatal. Ainda, segundo Marta, Jorge Nagle considerou que a ABE se formou a partir de um desdobramento do movimento educacional, ou seja, do entusiasmo pela educação, cuja característica principal seria a de solucionar, a partir da educação, todos os problemas do país, postulado desde a década de 1910, e que ainda estava presente nos anos de 1920, preservando a autonomização da esfera educacional. A partir dessa autonomização as entidades entre elas e a ABE facilitam o aparecimento do técnico em educação, um especialista para o qual as questões educacionais eram questões apolíticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tanto o entusiasmo pela educação como o otimismo pedagógico é problemático. Não houve segmento que não considerasse a educação como uma forma de tirar o Brasil do atraso, do analfabetismo dos problemas que havia no Brasil da Primeira República. Propunha como uma forma de desenvolvimento, entretanto a industrialização se engendrava independente da escola. Pode-se perceber o quanto um grande entusiasmo pela educação é olhado como uma forma de resolver problemas de massa, como o emprego, a política, a reforma agrária. A escola é vista pelos republicanos como a porta de entrada para a solução dos problemas e fica pior quando se transforma em otimismo. Para a escola falta um bom método, um bom professor e, as ruas possibilitam mais calor político do que os pedagogos estão olhando. A educação se transforma em matéria de pedagogos.

Nagle defende a tese de que o movimento reformista vai definir a mais profunda mudança na educação brasileira, a substituição de um modelo político por um modelo pedagógico. Esta foi uma das principais teses de seu trabalho, considerando que a reorientação se processa no sistema escolar estadual, no sentido de transformar o processo educacional em instituições escolares puras como a predominância do técnico sobre o político. Com o movimento reformista a mudança da escola tradicional para a escola nova.

Para Marta, Jorge Nagle passou rápido demais pelas conferências, mas esta associação consegue ser ouvida pelo governo. O técnico emerge para que dizer aqui é “o nosso lugar” para fazer políticas e argumenta a autoridade da fala. A fôrma cívica define o que é a ordem, o que é a pátria e o que é higienizar as pessoas. Com relação às doenças transformariam questões sociais e políticas em questões de higiene de forma a extirpar os elementos considerados perturbadores da ação social.